

O Mundo cabe em uma cidade

Por Livia Sant'ana*

É difícil definir o perfil do nova iorquino: primeiro, porque muitas pessoas que moram em Nova Iorque não nasceram lá. Segundo, porque ter nascido lá também não quer dizer muita coisa. A impressão que se tem é a de que cada cidadão que circula naquelas ruas movimentadas e cheias de vida veio de um lugar diferente do mundo. O nova iorquino não tem cara, não tem uma só cultura e nem uma só identidade. Ele é impossível de ser enquadrado em qualquer categoria cultural, religiosa ou racial que exista. Nova Iorque é uma cidade cuja matéria prima é o Mundo; é um microcosmo do Mundo dentro do Mundo. É uma coisa de louco.

Pode ser até muito clichê falar sobre Nova Iorque quando já se falou tanto sobre essa cidade, mas cada pessoa merecia ter o direito de ir até lá, como se a cidade fosse uma “Meca Cultural” para onde todos deveriam peregrinar pelo menos uma vez na vida. Metáforas religiosas à parte, conhecer essa cidade deveria ser obrigatório, pois ela é uma aula sobre diversidade cultural, convivência e tolerância com o que é diferente.

Claro que essa harmonia nem sempre é perfeita – vimos nessas últimas semanas a polêmica em torno da construção de uma mesquita a poucas quadras do Marco Zero, onde estavam as Torres Gêmeas. No metrô, há cartazes de um número de telefone especial oferecido pelo governo para dar assistência

psicológica aos imigrantes que tenham sofrido qualquer tipo de preconceito por causa da sua origem. A maioria dos cartazes está em espanhol, o que pode sugerir que o público-alvo são os imigrantes latinos, mas teoricamente o serviço está disponível para qualquer pessoa. É uma iniciativa no mínimo curiosa, quando se pensa que existe num país onde a questão da imigração é um problema político sério e onde também uma significativa parte da população é a favor de medidas que dificultem cada vez mais a entrada de estrangeiros.

É muito interessante notar a presença do Mundo quando se está em Nova Iorque. No metrô, sempre há alguém com ares hispânicos estudando livros de inglês entre uma estação e outra (aliás, os anúncios de cursos de inglês para estrangeiros estão por toda parte, espalhados pelas infindáveis estações). Há lanchonetes que vendem sanduíches, saladas, cafés, biscoitos - e quase todo o resto que você possa imaginar - em cada esquina. Quase nunca você encontrará uma pessoa com cara de “americano legítimo” no balcão ou posando de dono desses lugares. Eu mesma frequentava duas todos os dias para tomar café da manhã: uma comandada por uma família de chineses e outra por uma família de indianos simpáticos. Andar de táxi também pode ser um exemplo divertido para sentir



o quão “mundial” é Nova Iorque. Todos os taxistas têm um registro com sua foto e nome no painel do carro. Um dos meus passatempos preferidos era ler os nomes dos motoristas e tentar adivinhar de onde eles eram. Perdi a conta de quantos “Mohammed” e sobrenomes (impronunciáveis) de origem africana me levaram pelas ruas da cidade...

Sei que há muitos brasileiros morando em Nova Iorque – temos até a nossa “Rua dos Brasileiros”, a *46th Street* - onde fiquei hospedada por alguns dias. Incrivelmente, não tive contato



Times Square



com muitos brasileiros que teoricamente existiriam por ali. A rua tem alguns restaurantes brasileiros, uma loja que vende artigos com a bandeira do Brasil, salões de beleza com manicures brasileiras e nada mais. Entretanto, os donos do hotel onde fiquei eram brasileiros, e tive a oportunidade de tentar descobrir um pouco da história do camareiro que cuidava dos quartos. Seu José morava no hotel, foi para os Estados Unidos depois dos 40 anos de idade, deixando as filhas e a mulher em Pernambuco (segundo ele, elas não gostavam do frio que fazia em Nova Iorque). Contou que estava ilegal há 3 anos: entrou com visto de estudante, renovou por mais 6 meses e continuou por lá. Antes disso, já havia ido e voltado entre Brasil e Nova Iorque algumas vezes durante os 10 anos anteriores. Seu neto tinha acabado de nascer e ele desejava retornar a Pernambuco, mas tinha medo de sair e nunca mais conseguir voltar para os EUA, já que as regras para o visto de imigrantes se tornaram muito mais rígidas nesses últimos tempos.

Um outro dia, jantando no bairro italiano de *Little Italy*, o gerente que nos atendeu também era um brasileiro. Não me lembro do seu nome, mas era um baiano muito simpático, já estava lá há 10 anos e tinha acabado de conseguir o tão sonhado *Green Card*. A história dele é curiosa: ele é dono de uma fazenda enorme, faz parte de uma família rica, tradicional da Bahia, e largou tudo no Brasil para morar em Nova Iorque. Perguntei a ele então porque ele decidira largar a vida de fazendeiro rico no Brasil e resolvido ser gerente de restaurante nos EUA. Ele me deu uma resposta que nunca mais vou esquecer: “Aqui eu comprei uma BMW com 6 meses de trabalho pela metade do preço que conseguiria no Brasil, país atrasado. De que adianta ter dinheiro lá numa fazenda no meio do nada se aqui eu tenho todo o conforto que eu preciso com menos dinheiro do que eu precisaria ter no Brasil, de um jeito muito mais rápido? As pessoas me chamam de louco, mas eu não trocava essa vida de garçom daqui por nada.” Ele parecia ser muito convicto de suas escolhas e inserido até a alma no *american way of life*. Tinha orgulho disso. “Sou cidadão americano agora, quer coisa melhor no mundo do que ser americano?”

Fora da ilha de Manhattan, o terceiro e último brasileiro que conheci foi um homem chamado Roger, de uns 30 anos. Ele nos levou para conhecer a cidade onde vive em Nova Jersey: Newark, a 15 minutos de trem de Manhattan. A quantidade de brasileiros naquela cidade me impressionou tanto que às vezes eu esquecia que estava fora do Brasil. Fui até uma churrasceria brasileira, onde só trabalhavam garçonetes brasileiras, todo mundo só falava português e um jogo do Atlético-MG estava

*Visão
do topo do
Empire State
Building*



passando ao vivo na TV. Andando pelas ruas da cidade, vi que todos falavam português e todas as lojas tinham letreiros na nossa língua. Roger foi pra lá estudar inglês, se hospedou na casa do primo, começou a trabalhar, seu visto venceu e ele nunca mais voltou para o Brasil. Ele me disse que essa é a mesma história da maioria dos brasileiros que estão ali.

Como praticamente só há brasileiros na cidade, Roger me contou que existe muita gente que está lá há 10, 15, 20 anos, mas não sabe falar uma palavra em inglês. Todo mundo tem a Globo Internacional em casa, vê os jogos dos seus times na TV e trabalha com brasileiros. “Pra quê essa galera quer aprender inglês se já está muito bem acomodado desse jeito, né?”, disse ele. Mesmo sendo um imigrante ilegal, Roger conseguiu abrir uma empresa de construção e ganha bem fazendo casas por Newark inteira. Possui uma casa própria e uma caminhonete super moderna na garagem.

Conseguiu tudo isso com certa facilidade – talvez essa facilidade de ganhar dinheiro e obter bens materiais que o baiano de *Little Italy* e Roger contaram, seja o motivo do fascínio de muita gente (não só brasileiros) pelos EUA.

Conheci a história de apenas três brasileiros – mas quantos mais vivem ali na região de Nova Iorque e têm boas histórias pra contar? É muito interessante e enriquecedor saber um pouco da trajetória de vida dessas pessoas que largam tudo aqui com o sonho de ter tudo e mais um pouco em Nova Iorque.

A capital do mundo é um caldeirão de diversidade cultural. Origens e culturas se misturam de uma maneira que provavelmente não ocorre em nenhum outro lugar do mundo. Daria tudo para voltar e ficar mais algumas horas sentada em qualquer banco de praça observando o Mundo passar na minha frente...

*** imagens gentilmente cedidas pela autora**